

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS

LÚCIA CRISTINA ALVES

GABRIELA: COR E CHEIRO DE LIBERDADE

PATU
2017

LÚCIA CRISTINA ALVES

GABRIELA: COR E CHEIRO DE LIBERDADE

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a (Ms.) Larissa Cristina Viana Lopes.

PATU
2017

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A474gAlves, Lúcia Cristina Alves

GABRIELA : COR E CHEIRO DE LIBERDADE. / Lúcia Cristina Alves Alves. - Patu,
2017.

48p.

Orientador(a): Profa. M^a. Larissa Cristina Viana Lopes Lopes.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). I. Lopes, Larissa Cristina Viana Lopes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

LÚCIA CRISTINA ALVES

GABRIELA: COR E CHEIRO DE LIBERDADE

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof.^a (Ms.) Larissa Cristina Viana Lopes

Aprovado em ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes
Orientadora
DL-CAP-UERN

Profa. Ma. Maria Gorete Paulo Torres
Examinadora
DL-CAP-UERN

Profa.Ma. Annie Morais Figueiredo
Examinadora
DL-CAP-UERN

PATU
2017

Dedico este trabalho feito com tanto esforço a toda minha família, em especial, aos meus pais, Antônio Batista Alves e Maria da Luz Alves.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Deus de providências, que tem me ajudado diariamente nas minhas lutas.

A toda minha família, pelo apoio, em especial, meus pais, Antônio Batista Alves e Maria da Luz Alves, sem o amor de vocês eu não teria conseguido essa conquista.

A todos aos meus colegas do curso, em especial a Fernanda, Ocidália e Lairiny, amigascomas quais pude compartilhar momentos agradáveis ao longo do curso.

Agradeço singularmente a todos os professores do CAP/ UERN, em especial a minha orientadora Larissa Cristina Viana Lopes, pela paciência e dedicação com o meu trabalho.

Agradeço também a minha banca examinadora. A Gorete Torres, professora à qual tenho muita admiração, e a Annie Moraes, pela a paciência com o meu trabalho, vocês foram essências para a constituição do mesmo.

O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: – Moço bonito... (p. 134)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a imagem da personagem Gabriela, do livro *Gabriela Cravo e Canela* (2012), de Jorge Amado, com intuito de fazer uma relação entre a protagonista estudada e os fatos históricos e sociais que perpassam a sociedade brasileira do século XX, mais designadamente da década de 30, e que são expressos pela obra de Jorge Amado. Para dar sustentação teórica ao nosso estudo, de caráter indutivo e qualitativo, utilizamo-nos de leituras de algumas formulações de Lucena (2003), Magalhães (2011) e Saffioti (2004), que discutem sobre a mulher no século XX, estudos de Bosi (2011), Candido (2000) e Moisés (2009), entre outros, sobre a literatura de 30 e, especificamente, sobre Jorge Amado, para contextualizar histórica e literariamente a obra pesquisada. O presente estudo possibilitou conhecer os papéis exercidos pela personagem Gabriela, que ia de retirante a amante, de cozinheira a esposa, de sensual à ingênua, entre outros, dentro da sociedade da contraditória Ilhéus do século XX. Os papéis se fundem numa só imagem da protagonista, a de mulher livre, na busca de felicidade perante os próprios desejos, usufruindo da liberdade mesmo diante de padrões resistentes na Bahia do início dos novecentos.

PALAVRAS-CHAVE:Gabriela. Mulher. Sociedade. Jorge Amado.

ABSTRACT

This research aims to analyze the image of the character Gabriela, Gabriela Cravo and Canela, by Jorge Amado, in order to make a relationship between the protagonist studied and the historical and social facts that permeate the Brazilian society of the twentieth century, more specifically of the 1930s, and which are expressed by the work of Jorge Amado. To give theoretical support to our study, with an inductive and qualitative character, we use readings of some formulations by Lucena (2003), Magalhães (2011) and Saffioti (2004), who discuss women in the twentieth century, studies by Bosi (2011), Candido (2000) and Moisés (2009), among others, on the literature of 30 and specifically on Jorge Amado, to contextualize historically and literarily the work researched. The present study made possible to know the roles played by the character Gabriela, that went from retiring to lover, from cook to wife, from sensual to naive, among others, within the society of the contradictory Ilheus of the twentieth century. The roles merge into a single image of the protagonist, that of a free woman, in search of happiness before one's own desires, enjoying freedom even in the face of resistant patterns in Bahia in the early nineties.

KEY WORDS: Gabriela. Mulher.Society.Jorge Amado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.A MULHER NO SÉCULO XX.....	13
1.1RESQUÍCIOS E MUDANÇAS NO SÉCULO XX, O SÉCULO DAS MULHERES.....	13
2. A LITERATURA DE JORGE AMADO POR ENTRE ESTILO, TEMÁTICAS E OBRAS.....	22
2.1CONTEXTUALIZANDO O MODERNISMO.....	22
2.2JORGE AMADO A EVIDÊNCIA DO DESFAVORECIDO E DE UMA NOVA MULHER.....	24
3GABRIEL: UMA MULHER DE LIBERDADE.....	30
3.1CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE GABRIELA CRAVO E CANELA.....	30
3.2UMAGABRIELA DE BUSCAS.....	30
3.3GABRIELA E O PROCESSO INDUSTRIAL.....	33
3.4 GABRIELA E A FELICIDADE.....	34
3.5GABRIELA IRRESISTIVEL.....	35
3.6MOLDANDO A SENHORA SAAD.....	Erro! Indicador não definido.
3.7A VOLTA DEGABRIELA AMANTE	40
3.8GABRIELA COZINHEIRA OU GABRIELA ELA MESMA?.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
BIBLIOGRÁFICAS.....	46
	REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

No século XX ainda resistiam no Brasil algumas forças do regime dos coronéis, homens poderosos e temidos. No meio desse contexto histórico e social, surge a estética literária modernista, cuja ênfase, neste trabalho, será dada à segunda fase, também chamada geração de 30, na qual os escritores desenvolveram uma escrita reflexiva e que retratava aspectos regionalistas do país.

Para Bosi (2011), o caráter regionalista dessas obras possui duas vertentes, uma ainda herdeira do Positivismo do século XIX, outra voltada para o caráter regionalista e temas nacionais, no qual se insere a personagem a ser estudada nesta pesquisa, a saber, Gabriela da obra *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado.

Dentro da estética modernista e dentro da vertente regionalista nordestina, Jorge Amado apresenta uma literatura que transfigura a realidade por meio de recursos que são empregados na narrativa de ficção. Dentre várias questões temáticas e estilísticas, Amado dá força ao feminismo, trazendo protagonistas que insurgem ao seu tempo e que expressam uma nova “mulher” no século XX, que não segue padrões estabelecidos pela sociedade coeva. Para Saffioti (2004), as mulheres do século XX ainda eram socializadas para desenvolver comportamentos obedientes, de submissão ao homem, enquanto estes são estimulados a desenvolver condutas contrárias.

Diante desse contexto, esta pesquisa objetiva analisar a imagem da protagonista Gabriela, do livro *Gabriela Cravo e Canela*, do autor Jorge Amado, com intuito de fazer uma relação entre a protagonista estudada e os fatos históricos e sociais que perpassam a sociedade brasileira do século XX, mais especificamente na década de 30, e que são expressos pela narrativa do autor.

Perante este objetivo, temos mais dois específicos que nos guiaram no estudo da personagem: descrever a personagem Gabriela diante do contexto social que a narrativa trata; traçar o perfil da protagonista a fim de compreender sua representação como mulher na sociedade de 30 dentro da obra amadiana.

O interesse por essa temática se desenvolveu por meio da leitura da obra em questão, durante o curso de Letras, para a apresentação de seminário, no qual podemos observar fatos reflexivos importantes sobre a representação social da mulher no século XX, despertando, sobretudo, o gosto de tentar compreender melhor Gabriela, seu comportamento e suas concepções implícitas a partir deste.

Esta pesquisa é qualitativa, na qual temos o intuito de nos aprofundar nas questões estudadas, tendo por finalidade desenvolver uma compreensão que não seja superficial da protagonista analisada.

Trata-se, considerando já a primeira leitura da obra, de uma pesquisa indutiva, em que a leitura da narrativa nos subsidiou a respeito de categorias literárias. O método de procedimento utilizado será o descritivo-analítico, o qual nos possibilitará atingir nossos objetivos, geral e específicos.

Como referencial teórico, recorreremos a alguns estudiosos e suas formulações que julgamos pertinentes à pesquisa. Sobre a literatura e a geração de 30, trabalharemos com Bosi (2011), Candido (2000) e Moisés (2009), além de Beline (2008) que discorre sobre a literatura de Jorge Amado. Ainda nos apoiaremos nos preceitos de Saffioti (2004) e Lucena (2003), que discutem sobre a mulher no século XX, dentre outros que serão de suma importância para a sustentação reflexiva do nosso trabalho.

Dessa maneira, nosso trabalho encontra-se composto por três capítulos. O primeiro intitula-se “A mulher do século XX”, no qual tem discussões teóricas sobre a mulher e suas relações sociais na época determinada. O segundo capítulo, chamado “A literatura de Jorge Amado”, trata de discussões teóricas interpretativas sobre temáticas e estilo, perpassando por algumas de suas obras. No terceiro capítulo, que tem por título “Gabriela e sua representação social”, tem uma discussão reflexiva que visa entender a personagem, bem como a suas relações sociais e os fatos mais plausíveis sobre esta protagonista.

1A MULHER NO SÉCULO XX

Em virtude do objetivo desta pesquisa, que é estudar e traçar o perfil da personagem Gabriela, da obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, publicada na primeira metade do século XX, este capítulo se destina justamente a discutir sobre esta época, com foco sobre a história da mulher e as mudanças vindas para e por elas, sem esquecer ainda os resquícios de tempos antigos sobre concepções e papéis femininos na nossa sociedade.

1.1 RESQUÍCIOS E MUDANÇAS NO SÉCULO XX, O SÉCULO DAS MULHERES

Ser mulher em nossa sociedade foi e é vivenciar os moldes do patriarcalismo, um sistema cheio de normas e regras sobrepostas por uma sociedade dominada por homens que desenvolveram e exerceram formas de autoridades sobre as mulheres.

Desde Eva, enquanto culpada pelo pecado, até Maria, mãe de Jesus como modelo de mulher perfeita, ideias foram se imbricando a respeito dos papéis femininos na família e na sociedade, concepções e ações foram se desenrolando no decorrer dos séculos, um após o outro, trazendo ideias tradicionais até que, em fins do século XIX, algumas manifestações de transformações sociais foram aparecendo, apesar de o molde patriarcal estar impregnado nos modelos de família enquanto sustentáculo de uma sociedade.

Assim, ser mulher no início do século XX era ter a escolha de dois caminhos: o primeiro e mais usual era viver condicionada aos homens, primeiramente aos pais, sendo a menina preparada para o casamento e suas funções familiares. Depois, quando se entrelaçava ao matrimônio, o marido era seu exclusivo “dono”, o qual exercia a função de dominação para com a esposa, e esta se tornava exclusivamente a mulher do lar, tendo a função essencial de reproduzir filhos. O segundo caminho a seguir era deixar vivenciar os desejos de igualdade e liberdade, podendo exercer funções diversas, contudo geralmente essa escolha tinha consequências negativas, pois estas mulheres eram mal vistas e mal interpretadas pela sociedade. Sobre essa dualidade de caminhos, Magalhães (2011, p. 65) entende a visão que se tinha de mulher da seguinte forma:

O ideário feminino imbrica em cada individualidade feminina duas mulheres: a santa e a prostituta. A santa, que tem como função precípua perpetuar os padrões da sociedade e a prostituta que, aparentemente, concentrará a imoralidade da sociedade, aquilo que não deve ser preservado, mas que efetivamente tem como objetivo

maior a preservação santa, logo também dos mesmos padrões morais.
(p.65)

As mulheres que seguiam os modelos propostos e estabelecidos pela sociedade tradicional era o tipo de mulher pura, nascida e preparada para casar e ser uma boa esposa do lar, fazendo perpetuar ainda mais o modelo patriarcal. Já quando a mulher se deixava vivenciar os frutos de desejos de liberdade, sobretudo o de igualdade, tendo concepções inovadoras em torno do que é ser mulher e quais as suas funções sociais, era vista como “mulher da vida”, e sua influência era prejudicial às outras mulheres. Por causa disso, muitos maridos não admitiam o relacionamento de suas esposas com as mulheres que tinham concepções novas.

A respeito disso, Moraes (2003, p.41) evidencia que “A família patriarcal era o mundo dos homens por excelência, crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedrontados, cuja maior aspiração eram as boas graças do patriarca”. O sistema patriarcal girava em torno de uma figura central e única, a do homem, suas ordens deveriam ser seguidas pelos outros, que eram entendidos apenas como parte integrante desse sistema.

Moraes ressalta que no início do século XX as mulheres eram educadas e destinadas às funções apenas do lar.

Nas décadas iniciais do século XX, no que se refere à estrutura familiar, o modelo consagrado é o da família patriarcal, que se caracterizou por um longo tempo como espinha dorsal da sociedade, desempenhando os papéis de procriação, administração econômica e direção política. (2003, p.40)

Com o passar dos tempos, cada vez mais este sistema ganhava força, pois existia uma legião de pessoas que pensava em consonância com os preceitos estabelecidos por tal sistema, no qual a mulher era vista para exercer apenas funções do lar. Isso implicava uma espécie de firmamento do patriarcado, sendo cada dia mais difícil tentar fugir à regra, pois o apoio com as mulheres que queriam viver sua própria vida era muito reduzido, gerando um tipo de deslocamento desta da sociedade, pois as pessoas não queriam ter nenhum tipo de relacionamento com as mesmas (SAFFIOTI, 2004).

As mulheres eram, assim, consideradas vis, inconstantes, covardes, frágeis, imprudentes, incorrigíveis, astutas, frívolas, preguiçosas, avaras, ambiciosas, orgulhosas, invejosas, voltadas a divulgações inúteis dotadas de reduzida capacidade intelectual. A aceitação

inconteste dessas características “naturais” fizeram delas, de um lado, seres minusválidos e dependentes e, de outro, perigosos, sobre os quais se deveria exercer controle e vigilância constante, o que implicava exigir e cobrar da mulher humildade, submissão, piedade e obediência e limitá-la à vida doméstica ou, em algumas épocas e lugares, ao convento. (ALVES, 2003, p.19)

As mulheres eram vistas com um ser desprovido de maturidade, não sabendo solucionar problemas sempre precisaria do homem, aquele que tudo sabe. A mesma era ainda vista como um indivíduo perigoso no sentido que precisaria ser vigiada para não se deixar conduzir por caminhos errados.

Com o homem desempenhando o papel central na família e na sociedade, à mulher restavam poucas coisas a assumir. Suas utilidades se restringiam às funções familiares, de organização da casa e das ações que estavam dentro desse espaço, a mulher era do lar e para o lar.

Por mais enaltecido que fosse o papel de mãe, um obscuro destino esperava as mulheres. Uma senhora de elite, envolta numa aura de castidade e resignação, devia procriar e obedecer. Com os filhos mantinha poucos contatos, uma vez que confiava aos cuidados de amas-de-leite, preceptoras e governantas. Sobravam-lhe as amenidades, as parcas leituras e a supervisão dos trabalhos domésticos. Escrava das convenções, a mulher tinha um horizonte reduzido. Sua atuação social se resumia às demonstrações de fé, nas missas dominicais, de caridade, nas reuniões beneficentes, e de boa anfitriã, nos salões, em que expunha seus dotes musicais. (MORAES 2003, p.41)

Assim, tomadas pelo medo, muitas mulheres não contestavam sua inferioridade, pois eram educadas para seguir preceitos estabelecidos pelo sistema patriarcal e tinham bastante medo dos pais ou maridos. Sobre isso, Saffioti (2004) complementa que esta falta de contestação facilitava o exercício de um poderio sobre a mulher, não tendo voz, poucas mulheres tinham a coragem de serem livres, seguindo os padrões sociais propostos.

Nesse cenário de submissão ao homem, a mulher viveu muitos anos, décadas e séculos, sem poder ser realmente ela mesma. Porém, no desenrolar dos anos noventa, a mulher começou a questionar seus modos de ser e viver e compreendeu que poderia ter deveres não apenas familiares, mas também sociais, alguns direitos, e ser vista como um ser de substancial integridade e igualdade ao homem.

Com o advento do cristianismo, a figura de Maria recuperou, em parte, a imagem da Grande-Mãe, pela força e sabedoria que lhe foram atribuídas, bem como pelo poder que lhe foi conferido enquanto mediadora legítima entre Deus e os seres humanos. Entretanto nela permaneceram os atributos arquetipais da obediência, da passividade e da submissão, marcas da identidade feminina nas sociedades patriarcais e cuja recusa ou afastamento, sob o jugo da Inquisição, configuravam-se como pecados que impediam a mulher de alcançar a santidade e até mesmo a própria salvação. Instaurou-se assim, na mulher, uma consciência de culpa que permitiu a manutenção da relação de subserviência e dependência sem grandes questionamentos até praticamente o século XX, quando as condições históricas arrancaram a mulher, à sua própria revelia, dos limites do lar e do casamento. (ALVES, 2003, p.19)

O século XX, apesar dos moldes patriarcais ainda vigentes, constitui-se um novo tempo, no qual a mulher desperta para o mundo e deixa de ter medos e culpas diante seus desejos. Magalhães (2011) argumenta que é um momento de revolução partindo da postura feminina caminhando por entre as fronteiras que antes eram barreiras intransponíveis. Não obstante o contexto masculino tido como superior, a mulher progressivamente vai se vendo de forma diferente em relação a forma como a sociedade patriarcal a via. Assim, no aflorar do século XX, a mulher começa a pensar diferente, compreendendo que poderia se integrar aos vários seguimentos sociais que perpassam a sociedade deste referido momento. Lucena (2003) entende que, no desenrolar dos noventa, a mulher desenvolve um perfil de alguém que busca o seu prazer, não estando condicionada ao bem-estar do homem, e sim ao seu.

Lucena (2003) ressalva ainda que o século XX é o momento do despertar das mulheres, mesmo que de forma gradual, elas conseguiram se ver como figura ímpar na sociedade, dando um passo revolucionário. É o momento que se desenvolve mais assiduamente a industrialização no mundo, em decorrência da ascensão do capitalismo, fazendo chegar resquícios consideráveis ao Brasil. As mulheres se tornaram trabalhadoras nas fábricas têxteis. Contudo, tais trabalhos eram exercidos pela necessidade de ajudar na renda familiar, pois muitas famílias saíram da zona rural e foram para urbana, e chegando aos grandes centros houve muitas necessidades. Imputados por precisões financeiras e até alimentícia, os maridos se viram obrigados a deixarem suas esposas trabalharem. Todavia, nessa conquista a mulher não tinha igualdade de condições de pagamento, ainda que trabalhasse com a mesma produção e mesma carga horária.

Vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino [...] no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado [...] esta expansão do trabalho feminino tem [...] significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade

salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de Trabalho (ANTUNES 2006, p. 105).

As mulheres, então, conseguiram se inserir no mundo do trabalho, por meio, primeiramente, de algumas necessidades financeiras. No século XX, a mulher, por conseguinte, ainda era condicionada ao modelo patriarcal, pois o advento industrial possibilitou o ingresso dela no mundo do trabalho apenas somente nos casos de necessidades financeiras. As mulheres de classe alta e média viviam encaixadas no sistema patriarcal, apenas para as funções do lar.

É importante ressaltar que a mulher de classe média e alta passou mais tempo embutida dentro do modelo do patriarcado, pois estas famílias exerciam uma espécie de paradigma para as demais famílias. Entretanto, as mulheres de classe mais baixa conseguiram se proclamar mais cedo, muito disso em razão das suas necessidades financeiras, o que significou uma conquista, ainda inicial, de espaço e afirmação social. Esse se constituiu como um os caminhos para o desenvolvimento da postura da mulher em busca da igualdade e espaço na sociedade capitalista.

Para Saffioti(2004), mesmo neste cenário de algumas conquistas, de entrada da mulher de classe baixa no mundo do trabalho, ela ainda é amputada no desenvolvimento do uso da razão e no exercício do poder. Designada e socializada para desenvolver comportamentos cordatos, apaziguadores, enquanto os homens são estimulados a desenvolver condutas ao contrário, e esse tipo de comportamento é aceito pela sociedade. A mulher não era vista neste período, com capacidade de racionalidade e necessitando consideravelmente do apoio do homem.

Porém, mesmo resistindo às leis propostas pelo o sistema dopatriarcalimo, as mulheres que trabalhavam nas fábricas têxteis começaram a si rebelarem contra o sistema vigente em busca de melhorias de direitos, “através de lutas constantes por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública” (ALVES, 1983, p. 41), começaram as lutas em sindicatos por melhorias trabalhistas.

Contudo, a sociedade do século XX ainda trazia, essencialmente, resquícios dos velhos costumes que a viam como um ser inferior: “A imagem da mulher é a de total incapacidade de gerir sua própria vida, a de donzela que nada sabe fazer além de se preparar para o marido, dando-lhe muitos filhos; a imagem da mulher romântica e do renascimento; mãe e esposa devotada” (MAGALHÃES, 2011, p.68). Com esses atributos, a mulher era expressa pelo

patriarcalismo com um ser passivo, que se condiciona aos desejos dos homens, sem vivenciar sua liberdade.

Apesar disso, por meio de lutas, de acordo com, Confortin “o século XX foi das mulheres” (2003, p.118), constituindo-se um momento crucial para a emancipação das mesmas, foi o momento do começo de uma nova história, que se desenvolveu por meio das lutas femininas, convalidadas nesse tempo de maneira significativa, fazendo despertar o espírito de igualdade e de desejo de uma sociedade mais justa em que homens e mulheres pudessem ser vistos como semelhantes, com a mesma capacidade de pensar, com os mesmos direitos e deveres. Diante disso, o feminismo enquanto movimento foi surgindo.

O movimento feminista surgiu primeiramente nos Estados Unidos, em meados dos anos 60, quando se organizaram várias mulheres em busca da legitimação de igualdade de direitos, sendo esta considerada a primeira fase do movimento ea de maior efervescência. O movimento feminista só chega ao Brasil com força nos anos 1990: “As *sufragetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto”. (PINTO, 2010, p.16). Estáfase é denominada como a segunda onda do movimento feminista, quando surge Simone de Beauvoir com a obra “*O Segundo Sexo*” que traz como principal lema não se nasce mulher, torna-se mulher. Porém, com o regime militar no Brasil, nos anos de 1964, o movimento feminista é reprimido. Pinto (2010) ressalva que a única forma de tentar quebrar esse regime foi a inserção das mulheres na guerrilha. Depois desse período conturbado, as mulheres realmente conseguem efetivar o movimento feminista.

Mais algumas conquistas do século XX foram acrescentadas a mulher. Para Beauvoir (1980, p.291), uma mulher torna-se plenamente humana quando tem oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil à sociedade: “[...] nesse período, de acordo com Beauvoir, também é o momento em que os movimentos feministas ganham novas adeptas e lutas. O feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu status social, político ou econômico” (HAHNER, 1981, p.30), assim, diz respeito à maneira de a mulher se perceber e também a sua posição na sociedade.

Para Aburdene (1993, p.7), no século XX, “a participação da mulher em vários segmentos da vida pública trouxe modificações profundas nas relações sociais e nos papéis desempenhados por homens e mulheres”. É o momento, como já ressaltamos que começam a se desenvolver as lutas feministas e, conseqüentemente, a mulher ganha força em busca de espaços mais abrangentes.

O sexo frágil, a mulher, em qualquer profissão, rompe com o papel de somente procriadora e reproduz, transformando, sendo capaz de vontade, empreendimento em ação. Cumpre missão de sujeito e cidadã, emergindo da invisibilidade para o reconhecimento na área pública. Vence barreiras de preconceitos, pressões e resistências, construindo um novo papel sociocultural. Constrói uma nova visão de mundo, constrói uma sensibilidade e uma intuição que a faz lidar com ideias e fatos que encontra, de modo inovador e singular; assume uma identidade de sujeito feminino, buscando que se valorizem as diferenças, porém igualdade nos direitos do ser humano. (SIMONETTI, 1998, p.48)

A mulher sai do reduzido espaço do lar e das funções, de organização da casa, e de procriadora e invisível, dentro de uma sociedade regida pelo sexo masculino. Ela passa a ser sujeito da sua história, assumindo papel cidadão, o que a leva a ser participativa socialmente dentro do panorama político sociocultural.

Aburdene (1993) também concorda que o século XX é o momento em que a mulher desenvolve realmente sua participação social. Ela está nas empresas e na vida pública. A mulher é verdadeiramente reconhecida como um ser social que pode desenvolver os caminhos do seu país. É o momento em que as mulheres vão às urnas e têm o singular direito de opinar sobre os possíveis governantes do seu país em todas as esferas, direito esse que foi concebido pelo movimento feminista, que em sua primeira fase busca a consolidação da mulher nas decisões políticas, dando-lhe o direito ao voto. Assim, a mulher ganha um grande e essencial direito.

A mulher, neste início de século XX, passa a ter o perfil de alguém em busca do prazer no trabalho criador, abraçando a conquista de construir-se a si própria. Por isso, no discurso que se faz sobre a mulher do terceiro milênio, define-se, inicialmente, uma mulher que passa da condição de vítima para a de protagonista da sua própria história. Um dos grandes avanços humanos e sociais ocorridos na virada do milênio foi, sem dúvida, o início da passagem da mulher consideradas vítimas de preconceitos, discriminação, exploração, submissão, desníveis sociais, para ser, ela mesma, a protagonista de sua ascensão de libertação. (LUCENA, 2003, p.119)

A mulher, progressivamente, no século XX, ganhou o que sempre foi seu de direito, mas que o sistema patriarcal camuflava e distorcia. Por meio de grandes lutas, ocasionadas principalmente pelos movimentos feministas, e algumas importantes conquistas, como o direito ao trabalho e ao voto, foi-se gerando seu reconhecimento na sociedade.

Eis o novo espaço para a mulher. Ser articuladora e protagonista das decisões sobre a maternidade, planejamento familiar e fertilidade familiar. Ser articuladora e protagonista para debater e apontar soluções para temas comuns e complexos como saúde, educação, trabalho, violência, drogas, segurança, pobreza, direitos reprodutivos, política econômica, direitos humanos e minorias. (CONFORTIN, 2003, p.119)

A autonomia é uma palavra que era desconhecida na vida da mulher e nas suas relações, só a partir das lutas que se convalidaram no século XX, principalmente por meio da entrada da mulher no mundo do trabalho e pelo advento do feminismo, foi possível a mulher ir em busca dessa autonomia social, econômica, política e civil. De acordo com Lucena (2003), o homem, à medida que a mulher conseguiu ser vista na sociedade como um sujeito ativo, viu-se obrigado a ser parceiro das mulheres.

Essa mudança trouxe profundas consequências: em primeiro lugar, desmontou as articulações sociais milenares de sociedade de classes e cultura patriarcal, conceito passado através de gerações. Isto porque a mulher não estava integrada no sistema produtivo que as estruturas de dominação puderam vingar. A partir do seu ingresso no sistema produtivo, houve a mudança na família. A criança já não vê mais o pai mandando e a mãe obedecendo, mas sim os dois centros de poder diferentes atuando com igual dignidade. Acha, portanto, natural não uma sociedade em que haja dominantes e dominados, mas uma sociedade pluralista e democrática em que há consenso, rodízio de lideranças, partilha e solidariedade. (LUCENA, 2003, p. 117)

Assim, a partir do momento que as mulheres começaram a desenvolver lutas para serem reconhecidas, as estruturas familiares também mudaram significativamente, pois antes, quando a família vivia sujeita ao modelo patriarcal, no qual o homem era o centro do poder, os próprios filhos das mulheres tinham concepções enraizadas na ideia de que o pai era o dominador e a mãe dominada. A partir do momento em que se mudou esse sistema, os próprios filhos começaram a entender que a formação familiar, bem como as suas atribuições, eram partilhas por iguais.

Lucena (2003) informa também que o século XX é o momento no qual a mulher começa a ter o direito de ir às escolas para estudar. Assim, por meio desse processo de escolarização, a mulher já começou a entrar no ensino superior mesmo que de forma lenta, ela começou a ir em busca de seus estudos na tentativa de participação nos vários setores sociais. Para a mesma autora, a mulher tornou-se diferente quando começou a ter acesso a escola, ressaltando que no século XIX, não era permitida a entrada de mulheres na escola, com raríssimas exceções. Foi um direito possível em sua integridade no século XX.

De acordo com Lucena (2003, p. 116), a mulher no século XX se desenvolveu “da professorinha primária à professora doutora”. Conseguiu efetuar-se como sujeito crítico, tornando-se agente do seu próprio destino, indo em busca sempre de novos horizontes e conquistas.

A mulher no século XX ainda vivia algumas formas de opressões do sistema patriarcal e suas conseqüentes delimitações e inferioridades. Porém, mesmo imputadas a estes preceitos, o desenrolar de tal século foi o momento do despertar das mulheres para o mundo e suas funções sociais. Foi o momento do feminismo e suas lutas – da mulher no trabalho, na vida política e escolar. Compreendemos que as conquistas que se propiciam à mulher e às suas relações na atualidade estão eminentemente ligadas as lutas que se perpassaram no passado.

Essa discussão é de grande relevância para nosso trabalho, que estuda uma mulher do século XX, a personagem Gabriela. Mas, antes de passarmos à está análise, outra discussão se faz necessária para compreendermos a figura feminina criada por Jorge Amado, que é exatamente conhecermos mais sobre o autor e suas obras, sem esquecermos do movimento literário do qual fez parte e que lhe abriu caminhos para produzir e criar personagens como Gabriela. À isso de destina o segundo capítulo da monografia.

2A LITERATURA DE JORGE AMADO: POR ENTRE ESTILO, TEMÁTICAS E OBRAS

Para estudarmos a personagem Gabriela, entender o contexto em que a personagem foi criada é de suma importância. Por isso, além da discussão sobre a mulher no século XX, é fundamental que discutamos sobre 1) a estética literária na qual se encaixa o autor da obra investigada, 2) o próprio autor, para que percebamos um pouco do seu estilo e das principais temáticas abordadas por ele e 3) um pouco de suas obras, notando tais temáticas e tais estilos.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O MODERNISMO

De acordo com Cândido (1997), o movimento modernista no Brasil surgiu em São Paulo, por meio da famosa Semana de Arte Moderna, em 1922. Contudo, antes da semana, já existiam algumas manifestações que objetivavam a busca por uma literatura renovada, porém foi por meio do evento que se fixaram tais objetivos, alcançando todo o Brasil. A Semana de Arte Moderna e os envolvidos nela queriam “orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor” (CÂNDIDO, 1997, p.09). Era a busca por uma arte que estabelecesse em seus escritos as manifestações que expressassem o povo brasileiro, sendo uma literatura verdadeiramente nacional.

O Modernismo é composto por três fases, que vão da efervescência de 22 até a geração de 45. A primeira fase é um período de euforia ocasionado pelos desdobramentos da Semana de Arte Moderna, e vai até meados de 1930, quando surge a segunda fase, na qual os assuntos estão mais relacionados ao regionalismo. Bosi (2011, p.230) ressalva que, nesta fase, “os romances são caracterizados pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade brasileira, atingindo elevado grau de tensão nas relações do eu com o mundo”. A terceira fase, conhecida como geração de 45, é o momento em que os escritores estão desenvolvendo obras mais centradas na interioridade humana, por meio de uma sondagem psicológica.

Em se tratando de nossa pesquisa, que estuda uma obra de Jorge Amado, a fase que mais interessa a este trabalho é a segunda, na qual o autor está inserido, e que por isso será brevemente caracterizada. Sobre esta fase, Coutinho (1988, p. 244) evidencia que:

Vamos encontrar a valorização de diversas categorias que a colocam em antítese às épocas “antigas”. Em vez da universalidade e do absoluto, o que lhe importa é o particular, o local, a circunstância, o pessoal, o objetivo, o relativo, o detalhe, a multiplicidade; em lugar da

permanência, é a mudança, a diversidade, a variedade; ao absoluto, prefere o relativo, à Verdade, muitas verdades; às normas absolutas, o relativismo e a diversidade de experiência artística e dos casos individuais; à estabilidade, o movimento; à Natureza, a natureza humana; [...] à descrição e revelação do mundo exterior, o sentimento da existência subjetiva; fugindo à tradição da nobreza, dignidade e decoro, incorporou os assuntos baixos e sujos, à realidade cotidiana, o terra-a-terra, o circunstancial e o particular.

Esta fase do modernismo no Brasil não pode ser caracterizada com um número pequeno ou generalizado atributos, como em movimentos anteriores, pois os escritores desse período abordam temas que estão dentro de assuntos ligados ao particular e ao local, e não ao universal, ficando difícil elaborar um conceito único que em sua totalidade dê conta de todas as manifestações que se fazem presente nessa estética literária.

A presença da realidade e as circunstâncias do cotidiano simplista são expressos nesse momento literário com muita frequência, sendo tratados temas que talvez não teriam espaço em outras narrativas de momentos literários anteriores. Agora é o momento de dar voz às pessoas que fazem parte verdadeiramente do Brasil, pessoas estas que são diversificadas e vivem cada qual ao seu modo com suas culturas, crenças e valores, e não pessoas que seguem um padrão esquematizado e universal, como era evidenciado constantemente na literatura anteriormente, baseada em estilos europeus.

O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas sociais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia (BOSI, 2011, p. 38)

Conforme Candido (1989), a geração de 30 abre espaço para escritos relacionados às temáticas brasileiras regionais, nos quais os autores expressam os espaços locais, com a utilização de uma linguagem simples, que, por se tratar de assuntos locais, fazem-se mais verdadeiros. A literatura desse momento expressa uma espécie de arte documento por captar diretamente os acontecimentos.

[...] surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção

ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período (CANDIDO, 1989, p. 182).

É o momento em que os escritos dos autores do modernismo estão mais amadurecidos, os temas regionais ganham bastante força e, dentro desta perspectiva, os fatos históricos e sociais estão sempre presentes. No que se refere aos gêneros produzidos nesta fase de 30, temos “a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza” (BOSI, 2011, p412). Ou seja, da poesia à prosa, as relações eu-mundo permaneciam no contato com a realidade social.

No que se refere à prosa, em especial ao romance, gênero muito produzido na década de 30, é também caracterizada pela pluralidade de temas ligados ao social, estando inseridos no regionalismo do Brasil.

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuits do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (CÂNDIDO, 2014, p.51).

Os personagens expressam os enredos por meio de problemáticas que evidenciam a realidade do povo brasileiro e conseqüentemente fixam ideias em torno dela, esse fato se desenvolve pelo motivo do romance de 30 ser baseado em série ordenadas de personagens que se completam dentro do enredo, contudo sempre existem personagens mais ilustrativos, que expressam mais papéis sociais e por isso se assemelham mais ao povo.

Jorge Amado encontrou o caminho para falar sobre os assuntos ligados ao cotidiano simplista, no qual expressava a realidade do povo, o seu jeito de viver e de se relacionar. Amado abordou em seus livros a riqueza e a pobreza, denunciou e alegrou, e, sobretudo, revolucionou ao tratar de mulheres que não se enquadravam nas engrenagens sociais estabelecidas pelos padrões. Passemos, então, a falar sobre o romancista.

2.2 JORGE AMADO: A EVIDÊNCIA DO DESFAVORECIDO E DE UMA NOVA MULHER

Jorge Amado configura-se como um dos maiores autores da literatura brasileira, sendo suas obras consumidas na atualidade, fato esse que deve ser atribuído, também, às adaptações feitas para cinemas e televisão, as quais divulgaram mundialmente a obra desse escritor nordestino, que abordou, por meio dos seus escritos, a realidade do Brasil.

A característica mais notável de Jorge Amado se dá pelo fato de fazer das pessoas que estão à margem da sociedade protagonista dos seus livros, sendo um dos maiores percussores da mulher como figurante principal dentro de uma obra. Conforme Moisés (2009), Jorge Amado vive muitas experiências, as quais são retratadas, de algum modo, em seus textos. Para esse estudioso, uma das principais características de Jorge Amado é a tematização social, em particular, a identidade do povo baiano. Essa temática estava sempre presente nos escritos amadianos.

A literatura produzida por este baiano faz verdadeira pela utilização de recursos que permitem a fruição entre realidade e ficção. Isso se dá pelo fato de ele tratar de assuntos que estão ligados ao seu tempo, fazendo uma espécie de relacionamento entre o real e a ficção por meio de personagens e histórias que se assemelham a realidade do povo brasileiro.

Desse modo, a sua literatura mistura recursos expressivos e jogos que tratam das vivências de pessoas do cotidiano. Menezes (2004) acredita que o estilo amadiano é caracterizado por uma linguagem oral, quase tão natural quanto verdadeira, que atribui às suas personagens uma maneira muito particular de se expressar e se relacionar com os leitores da obra, aproximando os diálogos ficcionais dos falares populares, da vida real.

Entre os temas trazidos nas obras de Jorge está o regionalismo, no qual o autor se utiliza de escritos com grandes resquícios de veracidade. O caráter de realidade na obra amadiana é torneado pela presença do sertão baiano, culturas, histórias, contextos urbanos de capitais ao interior, principalmente, o povo e seu modo de viver. Isso se materializa, também, através de personagens que revolucionaram e se tornaram vivos em seus enredos, conseguindo fazer essa relação entre real e ficcional.

O encontro entre vida real e ficção percorre grande parte da obra do autor. Essa fusão permite ao leitor acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos. Considerando o entrecruzamento de ficção e vida real como eixo principal dos diálogos amadianos. (GOLDSTEIN, 1999, p.2).

O escritor dá ênfase à sua terra natal, em especial ao que viveu ou presenciou durante toda sua vida, apontando as identidades que estão relacionadas ao povo brasileiro, em especial aos baianos. Demonstrou a pobreza, as formas de governar e as políticas autoritárias. Dessa forma, tudo o que ele via o influenciou na escrita de suas obras. Para Bosi (2011), o autor misturou vida e obra e procurou edificar, por meio de suas invenções, a representação do Brasil otimista, talvez com a intenção de dar mais veracidade às narrativas, devido procederem de sua experiência vivida.

Ele valorizou o indivíduo marginalizado pela sociedade que de algum modo não se enquadravam nos padrões preestabelecidos pela engrenagem social vigente. Isso pode ser observado, entre outras, na obra *Capitães de Areia*, na qual o autor narra a vida de um grupo de meninos que roubam e que cada qual tem a sua peculiar habilidade, com a qual ajuda ao grupo dentro de uma organização criminosa. Nesse sentido, o autor abrange a perspectiva de quem se assemelha de alguma forma a vida de deslocamento social e de carência familiar. Vejamos isso no trecho transcrito:

Depois o Sem-Pernas ficou muito tempo olhando as crianças que dormiam. Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-céus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don'Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida. (AMADO, 1937, p. 27)

Assim, fica manifesto o lado marginalizado dessas crianças, já que não tinham famílias e viviam a mercê de um sistema que, de certa forma, os obrigava a roubar para sobreviver. Não é uma obra que mostra o mundo do roubo, mas como, por traz desse mundo, existiam histórias tristes e um forte instinto de sobrevivência

Personagens como os dessa obra, à margem dos direitos e dos paradigmas sociais, têm um espaço privilegiado em obras amadianas. A mistura de raças, que legitima a formação do povo brasileiro, também aparece no intuito de mostrar não só histórias, mas perspectivas

sociais inculcadas, tendo mais espaço as pessoas que possuem uma cor e costumes mais achegadas para o escravo.

Vejamos essa questão no trecho reproduzido abaixo, da obra *Tenda dos Milagres*, que trata da história de vida Pedro Archanjo, um mestiço que resolveu estudar as formações do povo da Bahia e comprovou que as famílias baianas são mestiças:

A preservação de costumes e tradições, a organização de sociedades, escolas, desfiles, ranchos, ternos, afoxés, a criação de ritmos de dança e canto, tudo quanto significa enriquecimento cultural adquire a importância de verdadeiro milagre que só a mistura de raças explica e possibilita. Da miscigenação nasce uma raça de tanto talento e resistência, tão poderosa, que supera a miséria e o desespero na criação cotidiana da beleza e da vida (AMADO, 2008, p.226-227).

As várias formas culturais que se desenvolveram no Brasil, por meio do contato de raças, possibilitaram a miscigenação, formando uma sociedade rica do ponto de vista cultural, na qual os costumes e práticas cotidianas estabelecem relações com todos os povos que por aqui passaram, principalmente com as pessoas de origem da África. E essas formas culturais dos negros exerceram formas de resistências contras as opressões sociais.

Goldstein (1999, p. 7) afirma que “a obra de Jorge Amado toca em aspectos importantes, da mestiçagem brasileira, e permite discutir diversos temas relativos às produções culturais do país”. Quando trazem a temática da mestiçagem do povo brasileiro, as obras dão ênfase não só a formação do povo consanguíneo, mas as influências na dança, culinária e nos costumes, fazendo surgir inter-relacionamento de várias culturas.

Candido (1997) ressalva a obra de Jorge Amado pode ser dividida em duas fases. A primeira, como já refletimos, trata desse caráter regional de denúncia que, de alguma forma, destaca as pessoas deslocadas da sociedade. Mais um exemplo disso é o caso de *Os pastores da Noite*, que retrata a vida de personagens deslocados socialmente os quais viviam em Salvador.

Como dizia Jesuíno, pobre já fazia demais com viver, viver resistindo a tanta miséria, às dificuldades sem fim, àquela extrema pobreza, às enfermidades, a falta de assistência, viver quando já não existiam condições senão para morrer. No entanto, viviam, era uma gente obstinada, não se deixavam liquidar facilmente. Sua capacidade de resistência à miséria, à fome, às doenças, vinha de longe, nascera nos navios negreiros, afirmara-se na escravidão. Tinha o corpo curado, eram duros na queda. (AMADO, 1971, p.210)

Este romance retrata a vida do povo pobre de Salvador, as suas mazelas sociais, as dificuldades de viver e a falta de perspectiva de progresso, ou seja, não tinha condições de mudar de vida, pois não era oferecida pelas autoridades governamentais nem uma forma que pudesse permitir isso. Estavam deslocados socialmente. Deste modo, desde os seus primeiros dias de vida, essas pessoas estão inseridas nesse regime, ficando condicionadas a encarar essa vida.

Jána segunda fase de sua literatura, Amado dá força ao feminino, trazendo protagonistas que insurgem ao seu tempo. Sobre esse caráter de divisão dos escritos de Amado, Candido (1997) evidencia que o ano 1958 se configura um “novo” Jorge Amado na literatura, que se desenvolve por meio de produções como *Gabriela, Cravo e Canela*. Por meio deste romance, a literatura de Jorge Amado ganha novos horizontes, sua escrita literária, depois da produção dessa obra, mudou o foco, passando a colocar a mulher como centro de suas narrativas.

Para Gomes (1996, p. 29), a mulher tratada pelo o escritor baiano passa a ser um “protótipo da mulher do povo, sensual, cheia de graça, desejada pela cor [...]”. O romancista traz algumas peculiaridades em suas obras ao valorizar a sensualidade de suas personagens, ao atribuir também um ar de heroísmo, como ele faz em *Tereza Batista, Gabriela, Cravo e Canela* e *Tieta do Agreste* (MOISÉS, 2009). O foco das obras é a mulher voluptuosa e cobiçada.

As personagens mulheres de Jorge Amado constituem uma das engrenagens primordiais de suas obras, os enredos, em muitos momentos, são ligados a elas, pois através delas são expressas diversas questões sociais.

Sobre esse caráter de renovação, por se tratar das figuras femininas, Jorge Amado traz à tona o universo de uma mulher que tem dois maridos, fugindo da estrutura social. Vejamos abaixo um trecho de *Dona Flor e seus dois maridos*, que bem exemplificam esta questão:

Assim, se somos ambos teus maridos e com direitos iguais, quem engana a quem? Só tu, Flor, enganas os dois, porque a ti tu não te enganas mais.–Engano os dois? A mim, não me engano mais?Gosto tanto de ti –Oh! [...] Mas não queiras que eu seja ao mesmo tempo Vadinho e Teodoro, pois não posso. Só posso ser Vadinho e só tenho amor pra te dar, o resto todo de que necessitas quem te dá é ele; a casa própria, a fidelidade conjugal, o respeito, a ordem, a consideração e a segurança. Quem te dá é ele, pois o seu amor é feito dessas coisas nobres (e cacetes) e delas todas necessitas para ser feliz. Também de meu amor precisas para ser feliz, desse amor de impurezas, errado e torto, devasso e ardente, que te faz sofrer. Amor tão grande que resiste a minha vida desastrada, tão grande que depois de não ser voltei a ser

e aqui estou. Somos teus dois maridos, tuas faces, teu sim, teu não. Para ser feliz, precisas de nós dois. Quando era eu só, tinhas meu amor e te faltava tudo, como sofrias! Quando foi só ele, tinhas de um tudo, nada te faltava, sofrias ainda mais. Agora, sim, é dona Flor inteira como deves ser (AMADO, 2008, p. 448).

Percebe-se que Flor quer e vê que pode ter dois maridos e o faz. Cada um deles contém peculiaridades individuais que a deixam feliz, e ela já não pretende viver sem ambos os amores. Dessa forma, ela está disposta tanto a viver o amor mais “torto” de Valdinho e o amor “certinho” de Teodoro, realizando-se, enquanto mulher, das duas formas

Quando nos romances de Jorge Amado a figura central é a mulher, às vezes, mesmo não sendo protagonistas, elas expressam imagem de mulheres livres, que não seguem as regras pré-definidas, as quais ditam os comportamentos femininos através de repressões, códigos e tabus. Estas mulheres assumem suas próprias vontades e buscam independência nas suas decisões, rompendo com as normas sociais vigentes e “anunciando” questões importantes sobre o espaço social a que se reservava a mulher:

Antes que o feminismo da década de 1960 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política e cultural do Brasil, a ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos injustos. Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino — amoroso ou profissional. (BELLINE, 2008, p.27).

Amado deu voz às figuras femininas, colocando-as em lugares de protagonista, dando força às mulheres. As figuras femininas amadianas são mulheres avançadas em seus tempos, em uma sociedade fundamentalmente patriarcal, em que a figura masculina era detentora do poder e a mulherum ser que deve apenas viver em favor do homem. Assim, se o leitor fizer uma leitura moralizante limitará os sentidos das mulheres Amadianos, ou colocará preconceitos na interpretação de suas obras.

As mulheres amadianastêm deveres sociais, mas também vários direitos, sendo livres e vivendo realmente o que as fazem felizes. São personagens femininas que transgrediam os seus temposdefêmeo objeto manipulado pelo homem, sujeita do seu próprio destino. Tais personagens femininas aceitavam seus desejos e vontades, não seguindo os desejos dos outros para a sua vida.

Diante desta discussão sobre as obras amadianas é possível perceber que tais obras possibilitam o contato do leitor com um mundo interiorano do Brasil, sendo possível perceber

as relações sociais que se prescreviam neste tempo, permitindo ainda o conhecimento de aspectos históricos, econômicos e governamentais.

Os escritos amadianos, mesmo abordando assuntos ligados a história da região, na qual se passam os enredos, evidenciam as pessoas deslocadas socialmente, fazendo um estudo que vai da mestiçagem emarginalização até a revolução da figura da mulher. Percebemos também que as obras amadianas possuem uma semelhança com a realidade das pessoas pobres, trazendo reflexões importantes sobre concepções que sustentam uma sociedade cujo princípio se rege pelos “bons” costumes, os quais são excludentes e imputados aos menos favorecidos.

Após esta discussão, estamos inteirados do contexto não só social, mas literário de produção da obra *Gabriela, cravo e canela*. Com isso, vamos ao capítulo 3, que trata da análise da protagonista desta obra, considerando todo o aporte teórico que ampara esta pesquisa.

3GABRIELA: UMA MULHER DE LIBERDADE

Analisar a personagem Gabriela é perceber todos os seus atributos e também todos os papéis que ela assume no contexto da Ilhéus do século XX. Com esta consideração, faremos a análise iniciando com considerações importantes sobre a obra para, posteriormente, inscrevermos as categorias da personagem e estudarmos cada uma delas.

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE *GABRIELA, CRAVO E CANELA*

Conforme foi discutido anteriormente, a literatura de Jorge Amado está dividida em duas vertentes temáticas: marginalização social e figuras femininas como caminho para criticar os valores sociais. Nesta segunda perspectiva está *Gabriela, cravo e canela*, obra a que a esta investigação se dedica.

A obra *Gabriela, cravo e canela* desenvolve seu enredo na cidade baiana de Ilhéus, nos anos noventa, um lugar que passava por um progresso, contemplado com algumas inovações que chegavam ao porto e se estendiam à cidade. Porém muitos resquícios de uma Ilhéus antiga, no sentido industrial e conservador, ainda persistiam, existindo um contraste entre o velho e o novo, que tentava quebrar essa resistência. De início, o livro revela questões relacionadas às modificações na estrutura histórica e social de Ilhéus, até chegar a história de Gabriela.

Gabriela é uma moça que faz uma árdua caminhada saindo do Agreste do sertão e objetivando chegar à cidade de Ilhéus, em busca de melhores condições de vida, uma oportunidade de emprego como cozinheira. Gabriela chega à cidade e é contratada como cozinheira por seu Nacib, dono de um bar local. As pretensões de Nacib, inicialmente, eram apenas comerciais, entretanto, no desenrolar do enredo, Nacib fica fascinado por Gabriela, não conseguindo suportar seus desejos, ficando atraído pela beleza e cheiro da sertaneja.

Nacib toma Gabriela como sua mulher e tenta mudar alguns hábitos dela, como lhe colocando o uso de sapatos e vestidos, mencionando sempre que agora ela era uma mulher casada e tinha que se comportar com tal.

Diante deste contexto de nova cidade, novo emprego e “novo homem”, para melhor entendimento dos papéis sociais exercidos por Gabriela, dentro da sociedade do início do século XX, vamos pontuar não só passagens importantes da vida dela, como também características suas que a constituem como personagem feminina dentro do enredo modernista.

3.2 UMA GABRIELA DE BUSCAS

Estimuladas pela busca de melhores condições de sobrevivência, várias pessoas saíam do Agreste do sertão da Bahia, caminhavam dias para chegar a Ilhéus com esperanças de melhores qualidades de vida. O percurso para chegar à cidade onde prosperava o cacau era bastante árduo, muitas pessoas não aguentavam a dura caminhada no sol escaldante e desistiam. Outras, quando já estavam mais abatidas e tinham mais idade, morriam em pleno sertão.

Gabriela resistiu a todas as dificuldades que emergiam na caminhada, talvez pelo gosto de viver em um novo local, uma nova vida que significava mais do que o cansaço da difícil caminhada. Vejamos um trecho da caminhada de Gabriela, para chegar a Ilhéus, no fragmento transcrito abaixo:

Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facção, na mata virgem. Como se não existisse pedras, os tocos, os cipós emaranhados. A poeira dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulava. Parecia uma demente perdida nos caminhos. (AMADO, 2012. p.77).

Esta passagem nos revela algumas características do perfil de Gabriela como sendo uma mulher que se faz forte, passando por situações desagradáveis no sertão, onde o sol e sofrimento da viagem apagavam a atraente beleza da jovem. Mesmo passando por esses percalços, Gabriela vencida o chão seco e o clima castigante, porque o desejo de uma nova vida significava mais que todas as situações desagradáveis. Gabriela trilhava o sertão como se nada de sofrimento existisse no caminho, como se não percebesse os percalços que tinha na viagem.

Nesta caminhada, Gabriela encontra Clemente, um homem negro que estava em busca de melhores condições de trabalho e objetivava ir para a mata trabalhar com a produção do cacau. Muitas vezes, Clemente a ajudava no carregamento dos seus poucos pertences, isso já somava muito para a melhoria do percurso, ainda lhe oferecia apoio com o seu tio, o qual também vinha para Ilhéus, mas que por arte do destino morreria no caminho.

Gabriela e Clemente começaram a conversar muito, o que deu margem a um carinho especial por parte dele. No desenrolar da viagem, os dois começam a ter um relacionamento, dormindo todas as noites juntos, o que desencadeou em Clemente uma louca paixão.

Porém, Gabriela era uma mulher que não tinha o interesse em compromisso sério, ela queria apenas sentir prazer e ser feliz com os momentos que vivenciava. Verifiquemos abaixo uma conversa de Clemente e Gabriela, na qual ele insiste para que ela siga vida com ele.

- Tu não quer ir mesmo comigo para matas? Botar uma roça, plantar cacau junto nos dois? Com um pouco de tempo a gente vai ter um roçado seu, começar a vida.

A voz de Gabriela era cariciosa, mas definitiva:

- Já te disse minha tenção. Vou ficar na cidade, não quero mais viver no mato. Vou me contratar de cozinheira, de lavadeira ou para arrumar casa dos outros...(AMADO, 2012, p.8).

Vemos que as intenções de Clemente com Gabriela são de seguirem uma vida juntos e constituírem família. No entanto, Gabriela não deseja isso, ela quer buscar uma vida nova, e o fato de dormir com ele e manter relações na viagem é porque ela se agradava disso e não porque queria seguir vida com o rapaz para Gabriela, quando essa caminhada acabasse, cada um seguiria seu rumo, pois ela não quer perder o seu objetivo de vista, deixando claro para Clemente qual era a sua intenção, nada a faria se desviar do caminho que buscava seguir.

Em se tratando da postura de Gabriela, enquanto uma mulher que manteve relações sexuais com Clemente, mas que não queria compromisso com eles, notamos os papéis de homem e mulher se invertem na postura destes dois personagens, pois o homem queria fazer

dela mulher numa vida juntos, já ela não queria abrir mão de seus interesses pessoais em favor de uma vida estável com um homem. Sabemos que as mulheres dessa época deveriam casar virgem, uma vez que isso não fosse mantido até o casório, era tido como uma espécie de ofensa para a moça e sua família e rapidamente era feito o matrimônio. Percebemos, assim, que Gabriela acha relações sexuais fora do casamento normais e não se sente ofendida com isso, enquanto Clemente deseja seguir vida junto com ela. Daí os papéis invertidos perante essa situação.

Já podemos dizer, diante desta passagem da narrativa, que Gabriela é uma mulher que quebra regras estabelecidas pelos parâmetros sociais imputados à mulher ainda no século XX. No que se refere aos padrões, qualquer mulher no lugar dela queria seguir com Clemente. Confortin (2003, p.111) evidencia que a “ideia de homem e mulher são produzidas socialmente”, e a sociedade que Gabriela estava inserida construía pensamentos e concepções de que a mulher deveria “se conservar” para o casamento que, no caso de Gabriela, não acontece, pois ela é uma quebra desses paradigmas, causando um verdadeiro confronto de ideias.

Gabriela era uma mulher que queria aproveitar os momentos que são únicos na vida e poder retirar destes as formas agradáveis, vivendo ao máximo a vida e os momentos felizes. Essa situação de relação sexual da protagonista com Clemente é entendida por ela como um ato que não era considerado “mundano”.

Depois da reafirmação de seus objetivos diante do relacionamento com Clemente, Gabriela finalmente chega à Ilhéus e vai logo para o comércio de escravos da cidade. Chegando lá, encontra seu Nacib, dono de um bar conceituado e que acaba de ficar sem sua boa cozinheira, necessitando de uma nova que possa abastecer o bar com comida. Pela necessidade de uma cozinheira Nacib, mesmo desconfiado dos dotes culinários de Gabriela, decide tomá-la como sua cozinheira. Esse foi o momento inicial de Gabriela em Ilhéus.

Apesar da caminhada árdua pelo sertão impiedoso, a chegada dela à cidade e o novo emprego mostram que ela conseguiu seu objetivo. Não se desviou dele como queria Clemente, olhando para si mesma e para o que queria alcançar.

3.3 GABRIELA E O PROCESSO INDUSTRIAL

Como já foi mencionado, Ilhéus passava pelo processo de integração de novos mecanismos industriais, tendo o cacau como principal fonte de renda, gerando lucros para a

cidade e novos olhares das populações locais, que viam em Ilhéus grandes oportunidades de sobrevivência. No entanto, a cidade, mesmo passando pelo progresso, que foi estimulado principalmente por Mundinho, exibiu costumes arcaicos.

Naqueles anos, Ilhéus começara a ser conhecida pelo país afora, como a “Rainha do Sul”. A cultura do cacau dominava todo Sul do Estado da Bahia, não havia lavoura mais lucrativa, as fortunas cresciam, crescia Ilhéus capital do cacau. No entanto ainda se misturavam em suas ruas esse impiedoso progresso, esse futuro de grandeza com os restos dos tempos da conquista da terra, de um próximo passado de lutas e bandidos. Ainda as tropas de burros, conduzindo cacau para os armazéns dos exportadores, invadiam o centro comercial, misturando-se aos caminhões que começavam a fazer-lhe frente... muita recordava ainda o velho Ilhéus de antes. (AMADO, 2012, p.21).

O progresso do presente foi desencadeado pela crescente produção de cacau, que se tornou um produto de exportação, o qual fazia chegar muita gente aos portos da cidade para negociar o produto, e fazendo com que algumas ideias inovadoras da Europa chegassem a Ilhéus, por meio de alguns imigrantes europeus. Contudo, Ilhéus ainda se encontrava enraizada nos costumes antigos, existia um contraste em Ilhéus onde o progresso e o tradicional se misturavam.

Neste embate entre a Ilhéus do progresso e a dos costumes, vemos na figura de Gabriela o caráter de progresso, acompanhando o novo, o que nem sempre acontece com outras personagens femininas tratadas no livro, por sua resistência, o não ao progresso, levando em consideração os preceitos estabelecidos pela velha sociedade.

Assim, pensando nesta sociedade do século XX, diante do contexto de progresso e resistências patriarcais, e pensando na forma de Gabriela viver e se relacionar consigo mesma, podemos ressaltar que entendemos que essa relação do industrial e do não industrial em Ilhéus se relaciona com as formas de pensar da sociedade sobre a mulher.

3.4 GABRIELA E A FELICIDADE

Gabriela era mulher que queria ser feliz, aproveitar os momentos que são únicos na vida e retirar deste as formas agradáveis. O modo e o gosto de viver da personagem podem ser verificados no trecho abaixo:

Ela vivia do jeito mais simples e sem se apegar a costume algum, para ela tinha que viver aquilo que sentia vontade de viver e fazer, sem ter que pensar no que os outros vão falar ou pensar a respeito. Gabriela

servia para cozinha, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar (AMADO, 2012. p. 165).

Gabriela queria apenas viver a simplicidade da vida e das coisas boas que esta podia proporcionar, sem ninguém lhe ditar regras, sem se importar com o que as pessoas iriam falar, o que lhe importava era apenas viver feliz, conforme aquilo que desejava. Assim ela poderia exercer várias funções e vários papéis, não apenas as funções do lar, mas outras que a deixavam satisfeita.

Porém, sobre a mulher que viveu no tempo de Gabriela, Magalhães (2011. p. 65) argumenta que “dentro dessa estrutura cabe à mulher como reprodutora das ideias que dominam determinado momento histórico e, ao mesmo tempo, o papel que cabe ao sexo feminino como reprodutora da espécie”. A mulher que viveu na sociedade de Gabriela seguia padrões estabelecidos pelos homens e reproduziamas ideais do patriarcalismo, inserindo-se dentro desses sistemas com ações que pudessem firmar ainda mais essas doutrinas. Mas Gabriela era antissistema.

A exemplo do ato sexual com homens antes do casamento, a personagem se caracteriza por essa busca de momentos felizes, tidos por ela como fatos normais do cotidiano, sem gravidades.

Gabriela se diferenciava das demais mulheres justamente pelo fato da mesma viver de forma livre. Assim era a figura identitária feminina, tratada por Jorge Amado, são de protagonistas de origens populares, que lutam contra valores atrasados, preconceitos e hipocrisia sexual (MACHADO, 2006). Nossa personagem só queria viver a vida por meio de seus gostos e vontades, evidenciando, através dese comportamento, tais preconceitos e hipocrisia, colocando em sua liberdade a essência de sua personalidade.

Magalhães (2011. p.83) ressalva que, para Gabriela, “Só há interesses de ser ela mesma”, não se baseando em costumes ou concepções enraizadas e constituintes de uma sociedade envelhecida que resistia às mudanças.

Gabriela ia andando, aquela canção ela cantara em menina. Parou a escutar a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistia não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. (AMADO, 2012. p.228).

Gabriela representa a alegria do povo que, mesmo passando por situações difíceis, viviam em busca da felicidade. Sobre os ideais de liberdade, a autora Lucena evidencia que liberdade:

É a possibilidade de realizar sonhos antes impossíveis, é ter o direito de escolha, de decisão, de agir de acordo com a sua própria determinação. É a supressão da opressão, a permissão para manifestar-se sobre algum aspecto de sua essência ou natureza. (2003, p. 164).

Gabriela tinha estes ideais de liberdade em sua vida mesmo já sendo a mulher Saad, neste momento, quando se viu diante de uma situação casual que lhe possibilita momentos de alegria, ela não hesitou e retirou seus sapatos e foi se divertir. Gabriela escolhia as ações que iriam lhe fazer feliz, o que ela gostava, sendo liberta perante seus desejos.

Por não seguir padrões, Gabriela tinha várias possibilidades de escolha, pois não era predestinada a um só papel social, mas a diversos que eram dependentes de seus interesses e que a deixavam feliz. Gabriela era, antes de tudo, uma mulher livre e feliz.

3.5 GABRIELA IRRESISTÍVEL

Gabriela, desde o momento que pisou no solo de Ilhéus espalhou sobre a cidade sua beleza, sua alegria e seu cheiro, fazendo vários homens se sentirem atraídos por ela. O bar de Nacib, principalmente, depois da presença de Gabriela, começou a ser mais frequentado, atraindo até pessoas que antes não visitavam o bar.

Porém, é nítido que, mesmo ficando alegre com os crescentes lucros financeiros, seu Nacib estava se incomodando com a reação que Gabriela estava causando nos homens frequentadores de seu estabelecimento, por causa de seus atributos físicos, atraentes e marcados, pois seu corpo era de traços fortes.

Quando Gabriela começava a vir ao bar, ele – idiota – alegrava-se interessado apenas nos vinténs a mais de rodadas repetidas, sem pensar no perigo dessa tentação diariamente renovada. Impedi-la de vir não deveria fazê-lo deixaria de ganhar dinheiro. Mas era preciso trazê-la de olho, dar-lhe mais atenção, comprar-lhe um presente melhor, fazer-lhe promessas de novo aumento. Boa cozinheira era rara em Ilhéus, ninguém sabia melhor do que ele. [...] e como iria continuar o bar sem os doces e os salgados de Gabriela, sem o seu sorriso diário, sua momentânea presença meio-dia! (AMADO, 2012. p. 167).

Para Lucena (2003), os conceitos de sensualidade que deixam as mulheres irresistíveis passaram por período em que elas, obrigatoriamente, tinham que procurar meios para tentar esconder as partes do corpo que despertassem volúpia. Contudo, Gabriela seguia o contrário dessas concepções, vestia-se de tecidos quase transparentes, que deixavam suas curvas mais à mostra e destacando sua beleza.

Nacib estava contente com a prosperidade no seu negócio, que a cada dia gerava mais lucro. O bar estava cada vez mais conhecido e novos clientes surgiam. Mas essa prosperidade acontecia principalmente pela beleza de Gabriela e alguns gestos “convenientemente” cedidos por ela aos fregueses. Nacib já tendo relações sexuais com Gabriela e começando a gostar cada vez mais dela, estava ficando com ciúmes. Assim ele ficava mais atento para as visitas de Gabriela ao bar. Neste momento da narrativa, Nacib já se encontrava apaixonado por Gabriela, não conseguindo viver sem sua companhia, era admirador de todas as suas características sempre convergindo para uma simplicidade singular que o deixava completamente fascinado ou mesmo enfeitiçado, não podendo viver mais sem os carinhos diários da cozinheira.

E como viver sem ela, sem seu riso tímido e claro, sua cor queimada de canela, seu perfume de cravo, seu calor, seu abandono, sua voz a dizer-lhe *moçobonito*, o morrer noturno de seus braços’, aquele calor de seio, fogueira de pernas, como? E sentiu então a significação de Gabriela. Meu Deus! (AMADO, 2012. p. 168).

Nacib começa a entender a real significação de Gabriela em sua vida, jeito simples, seu calor da pele, os aromas, tudo o que fazia dependente dela, a sua vida já não tinha sentido não fosse o amor de Gabriela. A grande questão nesse amor são as formas de amar, concebidas de maneiras diferentes pelo casal.

Lucena (2003. p.88) entende que “Gabriela ama não como as regras estabeleceram que se pode amar, mas como sente o amor”, daí ela se comporta conforme seus sentidos, agir a partir deles numa pluralidade em que a singularidade da pessoa a quem ela ama não existe, pois ela, mesmo ficando com Nacib, sente-se atraída por outros homens. E, por esse fato, a sertaneja não sente ciúmes de Nacib na mesma proporção que também não compreende os ciúmes dele para com ela.

3.6 MOLDANDO A SENHORA SAAD

Quando realmente Nacib percebe no seu interior que se encontra apaixonado por Gabriela e não consegue mais viver sem ela, ele decidiu fazê-la sua esposa. Mas Gabriela e Nacib são de mundos diferentes, ela vive sem se importar com os padrões sociais ele deseja enquadrá-la dentro do espaço social, regido por regras e costumes. Gabriela sempre foi uma mulher liberta das amarras sociais, seguindo seus próprios desejos e costumes e, agora, precisava se condicionar aos costumes de Nacib.

No trecho abaixo percebemos que Gabriela entende que Nacib, por suas qualidades, merece uma mulher “melhor” que ela, de mesma posição social, com modos mais “adequados” a este espaço e, acima de tudo, que só pensasse nele.

Pensar, para quê? Valia a pena não...Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos trinques, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela serviapara cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar (AMADO, 2012. p. 183).

Gabriela percebe, perante seu estilo de vida, que podia gerar desconfortos na vida de seu Nacib. Era mulher consciente de sua personalidade, tão diferente da que requeria uma vida de casada, e sabia de como isso poderia acarretar problemas ou desgostos para seu Nacib e, conseqüentemente, para o relacionamento dos dois.

Outro fato que se assemelha a este trecho está na ideia de que Gabriela achava que ela não podia se adequar às necessidades sociais de seu Nacib, ela sentia remoço e pena, pois ele era um homem de qualidades positivas e merecia uma mulher que pudesse ocupar a posição social que este casamento merecia. Gabriela gostava de seu Nacib, mas tinha também desejos por outros homens, além de não ter uma postura de dama da sociedade, pois nunca foi criada para viver neste mundo.No trecho abaixo está o momento em que Nacib sabe que não consegue ficar sem o amor de Gabriela e decide tomá-la como sua esposa.

Gabriela o puxou para si, mergulhando-o nos seios. Nacib murmurou: Bié...E em sua língua de amor, que era árabe, lhe disse a tomá-la: *De hoje em diante és Bié e essa é tua cama, aqui dormiras. Cozinheira não és apesar de cozinhares. És a mulher desta casa, o raio de luar, o canto dos pássaros.* (AMADO, 2012. p.203).

Agora Gabriela é uma senhora casada, é a mulher Saad, não mais aquela mulher retirante que se deitava com Clemente e outros. Não é mais cozinheira, mas a mulher a dacasas, que tinha um nome para honrar e uma nova sociedade para frequentar, o que exigia bem mais dela.

Quando Nacib partiu, ela sentou-se ante a gaiola. Seu Nacib era bom, pensava ela, tinha ciúmes. Riu, enfiando o dedo por entre as grades, o pássaro assustado a fugir. Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava com ele e com os demais. Não se importava. Podia ir com outra. Não para ficar, só para dormir. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se seu Tônico, beleza de moço? Tão serio na vista de seu Nacib, nas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com todos deles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos seu tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, as mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tônico. Era tão bom, bastava pensar. (AMADO, 2012. p.204).

Aqui é percebida uma comparação entre Gabriela e o pássaro preso na gaiola. Estando na gaiola, o pássaro está privado de seu voo, se sua liberdade. O mesmo acontecia com Gabriela a partir do momento em que seu Nacib decidiu fazê-la sua esposa, levando-a para um mundo diferente do dela, no qual ela teria de mudar, de se adequar aos padrões que se instauram neste ambiente, nesta sociedade, no novo marido

Jorge Amado mostra a tentativa de enquadrar Gabriela dentro de uma cultura social diferente da dela ao transformá-la em senhora. Cabe aqui considerações importantes feitas por Lucena (2003, p.85) diante desse casamento: “Já que nem uma riqueza oferecida pelos coronéis conseguiu domá-la, só resta ao homem oferecê-la casamento [...]. No entanto Gabriela, ao aceitar, tem que pagar o preço: a domesticação. Não é mais Gabriela. Mas a senhora Saad.” É como se, a partir do casamento, Gabriela ficasse entretecida e fosse obrigada a mudar completamente sua postura e seus modos de viver.

Ainda sobre o trecho explicitado, é interessante destacar que Gabriela possui uma ingenuidade, haja vista não conseguir entender os ciúmes de Nacib, sem dar importância, já que ela não sentia ciúmes dele. Como casada, as “conveniências” dela a alguns homens, levamos a interpretar Gabriela como uma mulher oferecida, que agora, por se tratar da mulher Saad, não poderá mais cedê-las, e sentirá falta disso. Mas, como já ressaltamos anteriormente, o ideal de Gabriela era ser feliz, e esses fatos e conveniências cedidas aos homens a deixavam satisfeita, não se constituindo para ela um fato vergonhoso, e sim uma ocasião simples. Sobre esses acontecimentos e desejos de Gabriela e os limites destes, Magalhães evidencia que

O estereótipo da mulher baseado nos papéis que lhe são atribuídos e que foram apresentados anteriormente nada significa para ela. Não interessa em ser esposa, nem, mãe, nem em “subir na vida”. Só há interesse em ser ela mesma, fazendo aquilo que dentro do seu pequeno

mundo significa prazer, ou deixando de fazer o que lhe desagrada. (MAGALHÃES 2011 82-83).

Nesse sentido, Gabriela quer viver entre os prazeres que a vida pode lhe dar ao máximo, não existe barreiras para viver sua vida. Ela quebra regras da sociedade e não dos seus princípios.

Mesmo sendo a mulher Saada morena não consegue se desprender da sua vida de ser apenas Gabriela. Os pensamentos dela são sobre o desprendimento de uma vida em que ela poderia sonhar com vários homens e correr solta pelas ruas. “Tão bom ir ao bar, passar entre os homens. A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, primeira morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir. Com outro Moço sonhar”. (AMADO, 2012. p.204). A vida de Gabriela parte de princípios de uma vida livre e simples.

As pastorinhas já vão noutra cantar [...] e pelas ruas dançar. Gabriela descalçou os sapatos, corre para frente, arrancou o estandarte das mãos de Miguelina. Seu corpo rolou suas ancas partiram, seus pés libertos a dança criaram. (AMADO, 2012. p. 302).

Gabriela, como mulher do senhor Nacib, teria que acompanhá-lo nos eventos da elite da cidade de Ilhéus, os quais recebiam mulheres da alta sociedade, sendo todas bem vestidas e muito educadas. Ela tinha de se vestir do mesmo modo que as demais, não mais com vestidos de tecidos quase transparentes e simples, mas como vestido de dama, no sapato alto e com joias. Todavia, esse fato de se vestir com toda essa elegância não constituía apenas o problema de ser a mulher Saad, mas o maior problema era quando se tinha um evento típico da vida de antes e de quando se tinha um evento da senhora Saad no mesmo dia:

Ela queria ir ao circo, ele a arrastava à conferência enfadonha, soporífera. Não a deixava rir por um tudo e por um nada como era seu costume. Reprendia-a a todo momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual às senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes. ‘Não fale alto, é feio’, cochichava-lhe no cinema. ‘Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos’. ‘Com esses sapatos, não. Bote os novos, para que tem?’ ‘Ponha um vestido decente.’ ‘Vamos hoje visitar minha tia. Veja como se comporta.’ ‘Não podemos deixar de ir à sessão do Grêmio Rui Barbosa.’ (Poetas a declamar, a ler papéis que ela não entendia, um xarope medonho). ‘Hoje dr. Maurício vai falar na Associação Comercial, temos que ir.’ (Ouvir a Bíblia inteirinha, xaropada!). (AMADO, 2012p. 261)

Percebemos que os costumes e estilos de vida de Gabriela eram evidentemente bem diferente dos de seu Nacib. Ele gostava de coisas socializadas, mas discretas, enquanto ela gostava de diversão, eventos com muitas pessoas juntas que rissem muito. Assim, Nacib queria moldar Gabriela às formas das senhoras de Ilhéus, donas de grande porte e bastante educação. Esses fatos de seu Nacib querer colocá-la dentro de regras sociais a deixava triste e um pouco insatisfeita com a vida de esposa engaiolada em costumes que não eram os seus.

3.7A VOLTA DA GABRIELA AMANTE

Na Ilhéus de contradições, que pairava entre o velho e o novo, a resistência de costumes e concepções tradicionais era ainda forte. Em se tratando de fidelidade conjugal, por exemplo, era instaurando um ambiente de conspiração quando a mulher traía seu esposo, sendo muitas vezes condenada à morte, como foi no caso de Jesuíno Mendonça, o fazendeiro da cidade que flagrou sua mulher, Sinhazinha, com outro homem. O marido acabou matando a esposa e seu amante, e isso era o assunto corriqueiro quando se tratava de tradição da parte da mulher em uma relação extra-conjugal.

O tempo em que Gabriela vive é o de uma sociedade que ainda expressa a fidelidade obrigatória da mulher ao seu esposo, qualquer forma de traição para o marido seria “solucionada” com as mortes dos traidores.

Mas a personagem Gabriela tinha um perfil que contrariava essas concepções, como essa de traição, por exemplo. Assim, o que para os outros era motivo de condenação à morte, para ela era normal, porque vivia de maneira livre e tudo que lhe fazia bem, executava. É seguindo suas vontades que Gabriela se deixa envolver por Tônico, até que Nacib faz o segundo flagra de traição da narrativa, Gabriela na cama com seu amigo:

Nua, estendida na cama de casal, Gabriela a sorrir. Nu, sentado à beira do leito, Tônico, os olhos espessos de desejo. Por que não os matara Nacib? Não era a lei, a antiga lei cruel e indiscutida? Escrupulosamente cumprida sempre que se apresentava ocasião e necessidade? Honra de marido enganado lava-se com o sangue dos culpados. Não fazia ainda um ano que o coronel Jesuíno Mendonça a pusera em execução... Por que não os matara? (AMADO, 2012, p. 277).

No momento inicial, Nacib pensa por que não seguir com os costumes antigos e honrar seu nome com sangue dos “culpados”. A ideia de culpa já remete à crimes/pecados

inaceitáveis e de uma correção cruel e sem volta. Mas Nacib não fez isso. Abaixo, por meio de um trecho transcrito da obra, veremos como ficou seu Nacib após o ocorrido.

Engano se pensaram que foi por excesso de amor, demasiado querer. Nacib naquele momento não a amava. Não a odiava tampouco. Batia mecanicamente como a relaxar os nervos, pelo que sofrera na tarde e na noite de véspera e naquela manhã. Estava vazio, sem nada por dentro. [...] Não matara porque não era de sua natureza matar. [...] Com raiva, podia bater. E batia sem dó, como se cobrasse uma dívida, uma conta atrasada. Matar não podia (AMADO, 2012, p. 277-278).

Nacib estava com uma revolta muito grande dentro de si. Deu amor e posição social à Gabriela, deu nome e luxos, como se isso fosse uma dívida construída por ela, como se a personagem devesse ao marido tudo que ele lhe dera desde que oficialmente eram marido e mulher. Queria apenas saber o porquê de Gabriela ter feito um ato tão covarde com ele, um homem que a quis sem se importar com o passado dela. Um homem que fez dela sua mulher sabendo que ela não era mais “pura”, “conservada” como requeriam os costumes da velha Ilhéus, da velha sociedade brasileira. Um homem que quis a Gabriela retirante, sem saber nem quem era sua família, o que era requisito para a escolha de uma esposa. Seu Nacib deu “nome” à Gabriela, a senhora Saad, deu “vida boa” nunca antes tida por ela, deu lar, comida e, acima de tudo, um homem que a amava e se sentia apaixonado cada dia mais por ela.

Não podemos justificar as ações de Gabriela porque seu comportamento é o reflexo do caráter de revolução, de quem vive pelos próprios anseios e os experiencia conforme as oportunidades que aparecem. Entendemos que, apesar de seu amor por Nacib, ela não abria mão não somente de seus prazeres, mas de ser ela mesma. Gabriela não se enquadrou nas exigências do esposo/sociedade, tampouco foi assassinada por ele.

Mas isso o autor não foi capaz de fazer com a sua personagem, porque significaria negar a possibilidade de mudança para uma realidade diferente. Ele busca outra solução. A solução de devolver à sua personagem o que é dela, extirpando-lhe o que lhe foi imposto pelo contexto social em que a inseriu. Devolve-lhe a identidade, recupera-lhe o prazer. (MAGALHÃES, 2011, p. 86).

Jorge Amado faz de Gabriela a revolução viva no sentido de que demonstra que a mulher no século XX já não deve ser moldada, pois neste momento começa a existir revoluções na figura da mulher e esta começa a ocupar espaços que antes só eram ocupados

pelos homens, desde o comportamento até cargos em lugares públicos, como discutimos em nosso primeiro capítulo.

3.8 GABRIELA COZINHEIRA OU GABRIELA ELA MESMA?

Nacib passou muitos dias sentindo a falta de Gabriela e isso entristecia seu coração, que se encontrava espedaçado, mas não se arrependera somente de uma coisa, de não ter feito uma atrocidade matando Gabriela e Tônico. Apesar disso, Nacib estava cheio de ciúmes, pois sabia que mesmo Gabriela tendo cometido um ato tão desonesto, ele ainda a amava muito.

- Então como vai a vida, Nacib? Prosperando sempre?

- Vivendo – e, para liquidar o assunto, falo: - o senhor já deve saber o que me sucedeu. Sou um homem solteiro de novo. Falaram-me . Formidavelmente o que você fez. Agiu como um europeu. Um homem de Londres, de Paris- olhava-o com simpatia. –Mas, me diga uma coisa, aqui para nós: ainda dói um pouco por dentro, não dói? Sobressaltou-se Nacib. Por que lhe perguntava aquilo?

- Sei como é isso – continuava Mundinho. – Comigo sucedeu uma coisa, não digoparecida, mas, de certa maneira, semelhante. Foi isso que vim para Ilhéus. Com o tempo, a ferida cicatriza. Mas, de vez em quando, ainda dói. Quando ameaça chuva, não é? Nacib assentiu, conformado. Certo de que acontecera com Mundinho Falcão caso idêntico ao seu. Mulher bem-amada a traí-lo com outra. (AMADO, 2012, p.325).

Nacib é comparado por Mundinho com um europeu, esse fato pode ser relacionado ao momento da mulher na sociedade como um todo, pois sabemos que os movimentos emancipatórios na figura da mulher se desenvolveram primeiramente na Europa, só depois no Brasil. A postura de Nacib, em relação ao fato ocorrido da traição, fazia dele um dos poucos homens que se comportou dessa maneira numa sociedade brasileira ainda patriarcal no século XX. Assim, sua figura está centrada em um homem que tem concepções revolucionárias sobre os fatos que podem ocorrer na vida das mulheres, se mostrando maduro e pensante perante as situações.

Por meio dessa conversa, Nacib começa a ficar mais conformado, mas a falta de Gabriela era constante em sua vida. No bar, aparentemente, tudo ia dando certo, só tinha diminuído o número de fregueses, desapareceram os que só vinham por causa de Gabriela. A nova cozinheira não tinha a mesma excelência da morena na cozinha, vez ou outra os pratos saíam com defeitos e Nacib sabia que teria de demitir a nova funcionária, mas o grande problema era conseguir alguma outra em Ilhéus.

Conversando com Dona Arminda sobre o assunto, ele é aconselhado a chamar Gabriela para cozinheira novamente, porém ele não considera possibilidade. Frequentemente Dona Arminda vinha falar do comportamento aceitável que Gabriela estava expressando, mas tudo isso para Nacib era indiferente, ele agora já não sentia a dor de antes, mas uma saudade qualquer de mulher, ela se tornara isso para ele, falta verdadeiramente ele sentia apenas da cozinheira.

Com as necessidades do bar, mandará buscar um cozinheiro de Portugal, mas que no dia da inauguração, da grande festa novo contratado sumiu. Nacib ficará muito preocupado. A única solução foi chamar novamente Gabriela.

Nacib perguntava cauteloso e desconfiado:

-Gabriela? Você acha? Não está brincando?

-E por que não? Não já foi sua cozinheira? Por que não pode voltar a ser? Que tem demais?

Foi minha mulher...

-Amigação, não foi? Por que o casamento era falso, você sabe... E, por isso mesmo. Contratando outra vez de cozinheira você liquida por completo esse casamento, ainda mais do que com a anulação. Não lhe parece?

Era uma boa lição...- refletiu Nacib. – Voltar de cozinheira depois de tersido dona (AMADO, 2012, p.352).

Embora Nacib se sinta encurralado a contratar Gabriela como cozinheira do bar mais uma vez, ele também externa que ela não será mais a mulher da casa, apenas a cozinheira. Todavia, com o passar dos dias sírio começa novamente a dormir com a irresistível Gabrielanão como casados, mas como amantes. Nacib e a cozinheira amante.

Falar da escrita de Jorge Amado e do livro *Gabriela, cravo e canela* e analisar a personagem feminina desta obra, é adentrar em um mundo revolucionário e conhecer uma mulher livre, que só se importa com suas próprias vontades em pleno século XX. A figura de Gabriela é uma quebra dos padrões sociais ainda vigentes neste momento, quando ideias tradicionais resistiam diante das novas mudanças. Nesse contexto, Gabriela é uma mulher que expressa revolução numa sociedade ainda dominada por homens e que vê nessa fonte de dominação e de imposição de preceitos autoritários.

A vida de Gabriela, a retirante sem nome de família, cozinheira, amante, esposa Saad e a traidora que passa a ser cozinheira da casa de que um dia fora a dona, é a exibição de uma mulher numa liberdade que tantas buscavam, mas que eram reprimidas por velhos costumes. Gabriela, nordestina de pele morena e de traços fortes, de sensualidade representativa da mulher brasileira, preza por desejos próprios, usufruindo da liberdade que tem e da qual não

abre mão. Seja como cozinheira, amante ou mulher da casa, a personagem se vale do que sente, é sentindo que toma decisões e age.

De acordo com Cândido (1997), mesmo que a publicação desse romance tenha sido em 1958, o enredo retrata uma sociedade e fatos dos anos de 1920. Amado assume uma nova postura literária, sendo os enredos fixados em uma demonstração na busca de revolução na figura da mulher. Assim, as mulheres que são tratadas por Amado, a exemplo de Gabriela, são mulheres que desenvolveram alguns papéis e relações sociais que eram apenas aceitos para figura masculina, pela sociedade patriarcal do século XX. Sendo estas relações não consideradas prudentes para as mulheres, as quais deveriam ser nascidas e criadas para casar e servir a sua família, tendo na figura do homem o seu único detentor.

Todo esse cenário evidenciava a sociedade que tínhamos no início dos anos noventa. Contudo, algumas mulheres começaram a questionar a sua posição social, buscando novos horizontes, desejando ser livre e viver suas próprias vontades. Gabriela representa a mulher que buscou a liberdade como forma de estar feliz consigo mesma, ela queria apenas viver seus próprios desejos, por meio de uma simplicidade que não estabelecia ligações com os padrões patriarcais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando nossas discussões sobre o início do processo emancipatório da mulher enquanto sujeito social no século XX e sobre a literatura de Jorge Amado a respeito não só dos menos favorecidos, mas da mulher antissistema, podemos tecer algumas conclusões a que nossa análise da personagem Gabriela chegou.

Como refletimos no decorrer de todo trabalho, Gabriela é uma mulher que seguia suas próprias vontades objetivando viver sua felicidade. Dessa forma, ela não se importava com os padrões existentes na sociedade do século XX, nos quais as mulheres eram tidas como um ser que deveria se curvar às vontades dos homens, e a este obedecer, vivendo apenas para as funções do lar.

Gabriela quebra estes padrões por meio de seus modos de viver, que eram simples, mas que afrontavam os ideais do patriarcalismo. Entendemos que Jorge Amado, por meio dessa emblemática personagem, consegue transparecer a sociedade de Ilhéus dos anos 1920, demonstrando concepções históricas e sociais que tentavam resistir diante de um novo ideário que abria espaço revolucionário à figura feminina. A personagem evidencia essa postura revolucionária apenas com a liberdade de viver numa simplicidade sem igual, sendo apenas ela mesma. A personagem “se exercia” e não queria deixar de fazê-lo.

Com esta personagem, o autor Jorge Amado indica que para ser revolucionária e ser contra o sistema patriarcal, não precisava de grandes acontecimentos em meio a grandes públicos, mas apenas ser feliz e viver a vida com convicção de valores, exercendo-se enquanto pessoa, enquanto *eu*, enquanto *ser*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABURDENE, Patrícia. **A revolução está ai**.Veja, 29, setembro de 1993.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Campinas: Cortez Editora, 2006.

ALVES, Maria. A primeira Feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de SorFilotea e de La Cruz e de Sor Juana Ines de La Cruz. In. LUCENA, Maria Inês Ghilardi. **Representações do Feminino**. Campinas/ SP: Editora Ática, 2003.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro: Recorde, 2012. Obras ilustradas de Jorge Amado.

_____. **Jorge. Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Os pastores da noite**. São Paulo: Editora Martins,1971.

_____. **Capitães da Areia**.Rio de Janeiro: Record, 1937.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. **Representações do feminino**. A literatura de Jorge Amado-caderno de leituras. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **The Second Sex**.Notas do autor. 2000

BOSI. Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cutrix, 2011.

CANDIDO. Antônio. **A presença da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. A personagem de ficção.São Paulo. Perspectiva, 2014.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: O Modernismo**. São Paulo: Global, 1988.

_____. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997.

CONFORTIN. Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco.In. LUCENA, Maria Inês

GOLDSTEIN, IlanaSeltzer. **O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: SENAC, 1999.

GOMES. Álvaro Cardoso. **Roteiro de leitura: Capitães de areia de Jorge Amado**. São Paulo: Ática, 1996.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas**: São Paulo: Brasiliense, 1981.

LUCENA, Maria Inês Ghilardi. **Representações do Feminino**. Campinas/ SP: Editora Ática, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**: como e por que ler Jorge Amado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MAGALHÃES, Belmira. **Contradição social e representação do feminino**. Maceió/ AL: Editora, Edufal, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Introdução a problemática da literatura**. São Paulo: Revista aumentada. 2009.

MORAES, Tereza. Escrita: Caminho para a emancipação da mulher. In. LUCENA, Maria Inês Ghilardi. **Representações do Feminino**. Campinas/ SP: Editora Ática, 2003

MENEZES, Juliana. Santos. **Da literatura ao turismo: o caso do Quarteirão Jorge Amado**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz /Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2004.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Social. Polít, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Consultado a 09.08.2017, em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03>

SIMONETTI, Eliana. **O fim do feudo masculino**. Veja ano 31, n. 8, Ed. 1.535. 1998.
.pdf

SAFFIOTI, Heleietth Lara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Abramo, 2004.